

BIOÉTICA E VULNERABILIDADE: POR UMA PRÉ-OCUPAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA

Jorge Luiz Gray Gomes¹

Resumo: Esta comunicação tem como objetivo apresentar um estudo de ponte entre a Bioética e a Teologia, mais especificamente sobre as vulnerabilidades presentes no mundo e sobre as possibilidades delas também ingressarem nos caminhos da qualidade de vida, sem esta perder o caráter de sagrado. O título enfatiza um tipo de reflexão contextualizada, onde o “locus” ou o “topos” é visto como fator primordial de transformações para a própria concretização da saúde física, psíquica e social: Bioética e vulnerabilidade. O subtítulo carrega toda a ambigüidade que o próprio termo bioética possui, vocábulo este surgido em 1970 com Potter, que gera nas mentes humanas conflitos de aprofundamento e de novas perspectivas de estudos: por uma “pré-ocupação” com a qualidade de vida. Esta “pré-ocupação” é vista como uma ocupação antecipada, já pelo próprio termo conflitivo bioética; afinal, seria uma dominância ou uma prevalência do “éthos” ou do “biós” ? Da qualidade ou do sagrado ? Do deontológico ou do teleológico ? Quais vertentes estão dominando nas práticas da vida ? Na questão da vulnerabilidade, veremos sua relevância nos dias de hoje onde as preocupações se tornam mundiais e crescentes, pois nos deparamos com realidades nada bioéticas para um mundo considerado avançado tecnicamente e cientificamente e que tem um desejo de preservação. Será detalhado o conceito de vulnerabilidade como forma de estender a própria vulnerabilidade para outros campos e para outros conceitos vivenciados. A qualidade de vida é muitas vezes vista como uma prática que pode até exterminar seres, em prol de uma autonomia humana que vise exclusivamente o bem estar individual e a liberdade de cada um.

Palavras Chaves: Bioética, Vulnerabilidade e Qualidade de Vida

Abstract: This communication aims to present a study of bridge between Theology and Bioethics, more specifically about the vulnerabilities present in the world and the possibilities also join them in the ways of quality of life, without losing the character of this sacred. The title emphasizes a type of reflection contextualized, where the "locus" or "tops" is seen as the key transformations for the very embodiment of physical, psychological and social: Bioethics and vulnerability. The subtitle carries all the ambiguity that the term bioethics has, this word appeared in 1970 with Potter, which generates human minds

¹ Jorge é doutorando em Teologia pela FAJE - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (Tendências Éticas Atuais – bolsista da FAPEMIG) e Mestre em Teologia (Bioética) pela PUC-Rio. jorgegray@ig.com.br

deepening conflicts and new perspectives of studies: a "pre-occupation" with the quality of life. This "pre-occupation" is seen as an occupation early, since the term itself contentious bioethics, after all, would be a dominant or a prevalence of "ethos" or "BIOS"? Quality or sacred? The deontological or teleological? What aspects are dominating practices of life? On the issue of vulnerability, see its relevance today where concerns become increasingly global and because we face realities bioethical nothing to a world considered technically and scientifically advanced and who has a desire for preservation. It will detail the concept of vulnerability as a way to extend one's vulnerability to other fields and for other concepts experienced quality of life is often seen as a practice that can even exterminate beings, towards an autonomy which exclusively human welfare individual and freedom of each.

Key Words: Bioethics, Vulnerability and Quality of Life.

INTRODUÇÃO

Esta comunicação tem como objetivo geral apresentar um estudo de ponte entre a Bioética e a Teologia, mais especificamente sobre as vulnerabilidades presentes no mundo e sobre as possibilidades delas também ingressarem nos caminhos da qualidade de vida, sem esta perder o caráter de sagrado.

O título enfatiza um tipo de reflexão contextualizada, onde o "lócus" ou o "tópos" é visto como fator primordial de transformações para a própria concretização da saúde física, psíquica e social: **Bioética e vulnerabilidade**. O subtítulo carrega toda a ambigüidade que o próprio termo *bioética* possui, vocábulo este surgido em 1970 com Potter, que gera nas mentes humanas conflitos de aprofundamento e de novas perspectivas de estudos: **por uma "pré-ocupação" com a qualidade de vida**.

A presente comunicação é composta basicamente, de três partes: *A questão da vulnerabilidade* (item 1); *A qualidade de vida* (item 2); *O aporte da reflexão ético-teológica do valor da vida: luzes e sombras* (item 3).

1. A QUESTÃO DA VULNERABILIDADE

Apesar de todos os diversos avanços biológicos, tecnológicos e científicos do mundo moderno, ainda nos deparamos em nossos dias, com as vulnerabilidades do ser humano, com situações que são um alerta para as consciências humanas quando o assunto é vida.

O Papa João Paulo II nos questiona: "O mundo em vez de ser um lugar de fraternidade verdadeira – é um campo de divisões, de tensões, de rivalidades, de blocos e de

desigualdades injustas (...) o que equivale a dizer, está numa desordem moral do homem” (JOÃO PAULO PP II, 1987, p. 127).

Tudo parece muito contraditório e gera um sentimento de perplexidade diante de teorias e práticas pensadas e adotadas como “verdadeiras” em si. Por isso, reacender o tema da vulnerabilidade é sempre importante para a bioética, principalmente quando nos “preocupamos” com a qualidade da vida. Para tal, neste capítulo, ingressaremos no estudo da vulnerabilidade.

1.1. SUA RELEVÂNCIA NOS DIAS DE HOJE

A relevância da vulnerabilidade atualmente passa pelas várias ciências que discutem de uma maneira ou de outra, direta ou indiretamente, este conceito. A vulnerabilidade também é olhada como uma preocupação mundial, visto as proclamações de vários códigos éticos e os problemas contra os direitos humanos ocorridos até então. Dentre as ciências, temos a ética teológica que toca em questões da própria vulnerabilidade, priorizando a “opção preferencial pelos pobres”, principalmente a partir da América Latina.

A vulnerabilidade vislumbra questões discutidas em muitas ciências. Na bioética, há discussões que enfatizam a situação dos vulneráveis, procurando em suas pesquisas e discursos realçar e sanar, em primeiro lugar, as realidades básicas de sobrevivência, para depois preocuparem-se com outros assuntos bioéticos como clonagem, fertilização artificial, relação médico-paciente etc.

Na teologia, encontramos muitas reflexões que devolvem a voz e a vez aos mais pobres e vulneráveis, impulsionando a prática pastoral para ações que sejam solidárias com os mais fracos e elevem essas pessoas a qualidade de criaturas de Deus que são, tirando-as do mundo sub-humano.

Visto que todos, homens e mulheres, trazem em si mesmos a imagem de Deus...

Não é difícil entrever as numerosas implicações práticas, que tal imposição comporta. Em primeiro lugar, há que trabalhar por melhores relações sócio-políticas entre as nações, assegurando condições de maior justiça e dignidade àquelas que há menos tempo alcançaram a independência e entraram na comunidade internacional. Depois, é preciso prestar ouvidos, com profunda sintonia, ao grito angustiado das nações pobres... (JOÃO PAULO PP II, 1995, p.118-119)

A própria relação da Teologia com a Bioética se torna crescente, pois nos deparamos com seções oferecidas aos participantes dos Congressos Internacionais de Bioética denominadas *Bioética & Religião*. Havendo aqui, espaços de diálogos entre estas duas ciências, mostrando a interdisciplinaridade existente na modernidade e “ressaltando alguns pontos em que a teologia é, ao mesmo tempo, companheira e, de certa forma aprendiz com a bioética, na tarefa de discernir caminhos para o futuro da humanidade” (ANJOS, 2001, p. 13).

A ética teológica seguindo as perspectivas do Concílio Vaticano II vem formular através de suas pesquisas e aprofundamentos, novos paradigmas para o mundo de hoje, dialogando com a interdisciplinaridade e procurando compreender as preocupações mundiais. Além disso, a religião não detém mais a liderança no discurso da sociedade e vê como desafio este diálogo. Daí a importância de se ter novas pessoas imbuídas do espírito e da vivência cristãs, com uma fundamentação científica e aberta, para que nas discussões com outros representantes do saber, saibam mostrar o real valor da vida e justificar com coerência o mesmo, não impondo e nem demonstrando prepotência, mas realmente atingindo as mentes deste mundo considerado pós-moderno.

1.2. O CONCEITO DE VULNERABILIDADE

O conceito de vulnerabilidade, em português, na morfologia verbal vem de *vulnerar*, sendo um verbo transitivo significando “ferir, golpear, ofender, magoar”; na morfologia nominal, deriva do adjetivo *vulnerável*, “que pode ser vulnerado; do ponto pelo qual alguém pode ser atacado” (AURÉLIO, 1993, p. 329).

São pessoas que por condições sociais, culturais, étnicas, políticas, econômicas, educacionais e de saúde têm as diferenças estabelecidas entre elas e a sociedade envolvente transformados em desigualdade. A desigualdade, entre outras coisas, as torna incapazes ou, pelo menos, dificulta enormemente, a sua capacidade de livremente expressar sua vontade. (GUIMARÃES; NOVAES, 2002, p.1)

Outro termo é a vulnerabilidade ambiental que se percebe no tratamento dado aos rios, mares, florestas e animais. Encontramos em muitos lugares do mundo desmatamentos em grande escala, rios e mares completamente poluídos e ainda usados por muitos banhistas, animais em extinção, muitos dos quais pela vontade humana apenas de caçar, sem ser usados para a alimentação etc.

A tremenda vulnerabilidade da natureza, submetida à intervenção tecnológica do homem, mostra uma situação inusitada, pois nada menos que toda a biosfera do planeta torna-se passível de ser alterada, o que torna imprescindível considerar que não somente o bem humano deve ser almejado, mas também o de toda a natureza extra-humana. (SIQUEIRA, *Ética e Tecnociência...*, 1998, p.7)

Outros conceitos são realçados com o de vulnerabilidade: *diferença, exclusão, desigualdade*. Na diferença, temos uma nova maneira de estar situado neste mundo pluralista, como tem realçado a bioética feminista, que muito tem feito para a divulgação de temas sobre as diferenças, tratando de assuntos relacionados aos negros, às mulheres e aos homossexuais, bem como mostrando as situações de desigualdades ainda presentes hoje, em vários países do mundo.

A diferença carrega consigo marcas de preconceitos. São atos que acontecem ainda na sociedade de hoje em termos mundiais. Agressões contra mulheres, negros e

homossexuais são notícias em muitos lugares do mundo. São diferenças que trazem exclusões e consequências na vida de milhares de pessoas. A exclusão procura eliminar não só os vulneráveis, como também as diferenças.. As desigualdades, principalmente as sociais, trazem para a reflexão bioética “uma capacidade de análise estrutural, para que se coloque a descoberto a lógica da reprodução da desigualdade na sociedade”. (ANJOS, 2000, p.62)

A desigualdade é uma forma de separação dos seres que no fundo, mesmo tendo características diferentes, são iguais na essência humana. A visão de desigualdade gera determinados conflitos nas ciências, principalmente na bioética, pois a dificuldade está justamente em escolher critérios legítimos para a atenção aos desiguais. Estes desiguais não ficam só no âmbito de rico e pobre, mas abarcam um série de pares que podemos enumerar alguns: homem e mulher; negro e branco; jovem e velho; criança e adulto; doente terminal e doente não terminal; mãe e solteira; honesto e desonesto; enfermo com esta doença e outro com outra doença; o que chegou primeiro e o que chegou depois.

1.3. BIOÉTICA CONTEXTUALIZADA

A bioética tem seu início em 1970 com Van Rensselaer Potter, nos EUA, quando por ocasião do lançamento do seu artigo intitulado *The science of survival* (SGRECIA, 1996, p. 23), que foi uma antecipação de um capítulo do seu livro lançado posteriormente no ano de 1971, onde pela primeira vez é usada a palavra bioética. Outros situam seu nascimento entre o Código de Nuremberg (1947) e o termo *Bioethics*, utilizado por Potter no livro *Bioethics: bridge to the future*, em 1971. (SCHRAM, 2002, p. 1)

Dentro da metodologia da bioética, temos uma visão *dedutivista*, partindo de uma apreciação geral para o particular. Aqui se insere a bioética principialista, muito divulgada nos dias de hoje, se utilizando de quatro princípios: *autonomia, justiça, beneficência e não maleficência*. São olhados como expoentes desta tendência Tom Beauchamp, um filósofo, e o teólogo James Childress. (SCHRAM, 2002, p. 2) Conforme os autores afirmam, “virtualmente, todas as teorias concordam que duas condições são essenciais: 1. A liberdade (independência do controle de influências) e 2. Ação (capacidade de ação intencional)”. (BEAUCHAMP; CHILDRESS, 1994, p. 121) Texto original: “Virtually all theories of autonomy agree that two conditions are essential: (1) liberty (independence from controlling influences) and (2) agency (capacity for intentional actions)”.

Com esses princípios, muitas vezes, temos a impressão que um se esbarra no outro, ou um termina onde começa o outro, ou todos atuam ao mesmo tempo, ou um exclui o

outro. Para Cláudio Cohen, “a questão ética será a de encontrar quem pudesse decidir quando devemos respeitar um ou outro princípio”. (COHEN, 1999, p. 185-186)

A justiça tem como definição básica: “a virtude de dar a cada um aquilo que é seu” (AURÉLIO, 1993, p. 188). Alguns questionam a forma deste ‘dar a cada um o que lhe é devido’. Seria de uma forma *igualitária*, onde todos receberiam do Estado auxílios de determinadas situações para a sobrevivência básica, como a saúde ? Seria uma *lei do maior esforço*, onde quem faz e trabalha recebe mais direitos, enquanto outros não? Seria de uma forma *neoliberal*, onde quem pode pagar os planos de saúde particulares usufrui, enquanto outros enfrentam filas e às vezes ficam sem atendimento, numa corrida de quem pode conseguir, quem não pode fica à deriva ? Ou seria uma justiça *eqüitativa*, onde os que mais precisam e os mais vulneráveis recebem mais do que aqueles que têm o suficiente e o supérfluo ?

Aqui na justiça eqüitativa é que surge John Rawls “...que em 1971 publicou a *Theory of justice*, onde procura estabelecer a justiça como eqüidade. Muito próximo a algumas idéias fundamentais da ética kantiana, Rawls parte da pessoa como um absoluto moral”. (SIQUEIRA, *Princípio da Justiça*, 1998, p. 77)

O princípio da autonomia é o mais defendido e apreciado na bioética principalista. A autonomia parte de estudos onde o ser humano é livre para tomar decisões e não necessita da heteronomia de terceiros ou de instituições da sociedade para lhe dizer o certo e o errado. A própria palavra *autós* em grego significando o próprio, exclui as normas heterônomas, visando um homem mais anárquico e consciente de decisões éticas. O respeito à autonomia total é reduzido à medida que surgem os códigos éticos, dando limites e proteção aos mais vulneráveis e organizando melhor a sociedade.

A beneficência é um princípio que está ligado a não-maleficência, onde fazer o bem é o objetivo principal de qualquer ação e é uma obrigação moral. Muitas decisões foram tomadas levando-se em conta o bem individual e social. Este princípio já faz parte das idéias universais e muitos têm este pensamento como uma constituição natural, onde enquanto a pessoa faz o bem, não está fazendo o mal. Por outro lado, isto nos faz pensar em tantas decisões pessoais em nome do bem, proporcionando sérias conseqüências negativas para tais pessoas (ligaduras sem permissão, transfusão de sangue nos testemunhas de Jeová etc).

A não-maleficência é o princípio de não causar danos e prejuízos intencionalmente a outros. Como nos confirma Fernando Lolas, “alguns autores o consideram o mais básico e fundamental da ética médica. Uma de suas mais antigas versões

se encontraria no preceito hipocrático *Primum non nocere*, ‘Primeiro, não causar danos’ (LOLAS, 2001, p. 63). O próprio decálogo da Bíblia, no Antigo Testamento, faz uma relação de leis para não causar males a outros: ‘não matar’, ‘não roubar’, ‘não pecar contra a castidade’, ‘ não desejar as coisas alheias’... (Dt 5. 6-22)

No Brasil, há o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Bioética da UNB (Universidade Nacional de Brasília) que, desde 1994, vem desenvolvendo suas pesquisas dentro da Bioética Contextualizada. Esta Bioética apresenta, diante do contexto sócio-político-econômico e cultural, soluções de reparação para a vulnerabilidade, apontando situações de pessoas destituídas de dignidade humana, de liberdade, de direitos à saúde, à educação, ao vestuário, às condições mínimas de se ter uma qualidade de vida. E mesmo com todo o avanço tecnológico e científico, há imposições éticas norte-sul.

Mais uma vez países do Primeiro Mundo, com o apoio de poderosos laboratórios internacionais de medicamentos interessados quase exclusivamente no mercado e no lucro, tentam fazer valer seu poder (econômico) de pressão e de persuasão, em detrimento da priorização pelo social, da inclusão dos sujeitos sociais no campo verdadeiramente democrático, com conseqüente usufruto dos benefícios do mundo contemporâneo. Em uma era de fundamentalismo econômico, tenta-se através de um imperialismo científico e tecnológico, impor um imperialismo ético às nações mais pobres. (GARRAFA; DINIZ; GUILHEM, 1999, p. 5)

Outro tema da bioética contextualizada é a questão do *idioma bioético*. No mundo de hoje, há pesquisadores em todas as partes. Com isso, a relevância de termos maiores informações sobre a linha de pesquisa de cada um ou de cada grupo de estudos, sobre as instituições das quais fazem parte, suas *biografias bioéticas*, se faz importante. Seria também uma maneira de verificar o andamento das pesquisas e de como se dá o conhecimento bioético em várias países; de como está a produção dos escritos bioéticos nos países; quais as preocupações despertadas nestes estudos.

A imposição ética norte-sul também ocorre na questão da linguagem. São questões que os pesquisadores apresentam a partir dos estudos de Diego Gracia, “responsável pela estruturação e pela coordenação inicial do primeiro mestrado em bioética na América Latina, sediado no Chile, com o patrocínio da Organização Panamericana de Saúde OPS/OMS e, hoje, em pleno funcionamento”. (GARRAFA; DINIZ; MATOS, 1999, p. 4) O próprio Gracia é considerado um bioeticista *periférico*, já que há países *centrais* (países onde a bioética originalmente surgiu ou se consolidou como os EUA) e países *periféricos* (países onde a bioética surgiu tardiamente).

1.4. VULNERABILIDADE E REFLEXÃO ÉTICO-TEOLÓGICA

A questão da vulnerabilidade passa também pela reflexão ético-teológica. A busca de uma articulação crítica entre a ética e a prática de uma fé vivenciada no amor e na esperança de concretizações de vida digna para todos é de real importância em todos os tempos.

Nos atos que salvam, Jesus se põe ao lado dos vulneráveis e dentre os que estavam mais necessitados: os doentes. O doente naquela época vivia discriminado e rejeitado pela própria sociedade. Ele não tinha um convívio social e era considerado um perigo para os sadios, sendo que na mentalidade daquele tempo, o doente era visto como um dominado pelos demônios. Daí que sua vida era afastada dos demais e a doença era tida como contagiosa e maléfica para o bem comum, vivendo como um fugitivo e entregue ao total desamparo. (PAGOLA, 1989, p. 32)

Diante desta situação difícil e excludente, Jesus vai ao encontro dessas pessoas e mostra a possibilidade de inserção dos doentes na convivência com os demais, numa atitude que reacende possibilidades perdidas, Ele “atua movido por seu amor profundo para com esses seres desvalidos e por sua paixão libertadora para arrancá-los do poder do mal”(PAGOLA, 1989, p. 33). Com isso prova aos que agiam com idéias alienantes e discriminatórias, que a vida está acima de qualquer poder humano e desmascara as condenações à morte, determinada de maneira direta ou indireta aos doentes pela sociedade.

A prática cristã se complementa com a reflexão teológica e vice-versa. As formulações ético-teológicas são permeadas da experiência de uma prática voltada realmente para a salvação de todos, principalmente os mais pobres. É uma salvação que se insere na história dos povos, e povos sofridos. O olhar e o lugar teológicos se fazem presentes primordialmente em defesa dos mais vulneráveis. É aí que as atenções e as práticas estão voltadas.

A ética teológica vem buscar a sua identidade a partir dos pobres, e suas formulações dialogando com outras ciências, apresentam reflexões para o mundo, repercutindo no social, político, econômico e cultural, fazendo com que ocorra a libertação integral do ser humano, libertação de todas as estruturas que exclui uma grande parcela da humanidade de vida mais digna. São preocupações trazidas também pela Teologia da Libertação, em especial na América Latina, onde as reflexões aprofundam a temática dos vulneráveis.

A opção preferencial pelos pobres, sua experiência e seu sofrimento, seu grito por uma sociedade mais justa, sua experiência com o evangelho são os pontos

determinantes da teologia da Libertação... A Teologia da Libertação toma como ponto de partida, de uma parte, a ortopraxis de Jesus e das comunidades apostólicas comunicada na Bíblia e, outra parte, a ortopraxis mesmo imperfeita do povo simples, das comunidades de base etc, mas sempre à luz do Evangelho. (HAERING, 1988, p. 37-38)

2.A QUALIDADE DE VIDA

É uma “pré-ocupação” com a existência de relações mais significativas e de qualidade, relações estas que priorizem todos numa abrangência que proteja os mais fracos e vulneráveis, como os fetos humanos, os deficientes etc . É um visão que estenda o conceito de vida a todos os seres indefesos, frente ao poder “dia-bólico” de uma suposta “verdade ética” imposta como vida prática e como “qualidade” de vida.

O termo *bioética* gera determinadas ambigüidades a partir do próprio conceito, formando pares de interpolações entre biologia e ética, entre sacralidade e qualidade, entre deontologia e teleologia. (GRACIA, 1999, p. 386)

A visão da vulnerabilidade no mundo atual traz consigo a importância de uma qualidade de vida. Esta qualidade de vida aponta para uma melhor caracterização das vidas humanas e não humanas, para que cada ser aprecie o mundo no que a criação tem de melhor, aproveitando de maneira justa e com cuidado o que é oferecido à humanidade, num gesto solidário com todo o universo, demonstrando a capacidade em proteger o ecossistema para a vida presente e futura.

2.1. DIFERENTES VISÕES SOBRE A QUALIDADE DE VIDA

O próprio criador da palavra bioética, Van Rensselaer Potter, já havia proposto essa interdisciplinaridade em 1970, ao falar que “nós temos uma grande necessidade de uma ética da terra, uma ética para a vida selvagem, uma ética de populações, uma ética do consumo, uma ética urbana, uma ética internacional...” (POTTER, 1988, p. 1). São preocupações já constatadas no primeiro dos três estágios da evolução da bioética na visão de Potter, denominado *Bioética Ponte*, onde ocorre a interação do problema ambiental com as questões de saúde, ligando como uma ponte o conhecimento biológico com os valores humanos.

2.2. EXPERIÊNCIAS ALICERÇADAS NA PREOCUPAÇÃO COM A QUALIDADE DE VIDA.

Quando pensamos em qualidade de vida, estamos procurando ter uma experiência ética intercultural. Esta preocupação ética vai passar pelos caminhos de uma prática voltada para a vida em todos os lugares e não apenas em alguns lugares privilegiados. Partindo do princípio de que todos têm direitos à uma vida digna, é indispensável a

participação humana no que concerne os problemas da biosfera. Pensar em alternativas num mundo globalizado e desigual como este é desafiar normas econômicas e sociais para o objetivo principal que é a sobrevivência do planeta. Não se tira o ser humano da condução e de sua responsabilidade ética, e sim, ele é devolvido à sua real condição de criatura que está como condutor instrumental da criação.

O Planeta para sua sobrevivência necessita de ações que dêem essa “sustentabilidade” tão difundida nos dias de hoje. Pois com o passar do tempo chegamos a situações que clamam por mais cuidados com a Terra.

As discussões sobre esta “sustentabilidade” vão sendo vistas como uma crítica ao crescimento e ao desenvolvimento econômico e técnico, que devem ser limitados, pois as gerações futuras dependem da consciência de conservação das gerações presentes.

A qualidade de vida se torna fundamental diante destas constatações mundiais, observando a vida de vários povos, seus contextos sociais, políticos, econômicos etc. Verificamos uma realidade nada ética pela qual o mundo globalizado passa.

Urge a criação de um novo “ethos”, visto que a qualidade de vida tem alcance e eco nas experiências em prol de mais vida para a humanidade. Isto precisa tornar-se meta nas principais reflexões bioéticas do mundo de hoje, e que implica “um duplo empenho, na realidade dialético e complementar; ... a formação da consciência e do agir moral individual pela vida... e formar a consciência moral coletiva...” (KOWALSKI, 2001, p. 164).

2.3. A BUSCA DE RELAÇÕES MAIS QUALITATIVAS

A existência de relações mais qualitativas envolve a questão também quantitativa, pois a participação de um maior número de pessoas e instituições favoráveis à vida se faz importante na concretude de um novo “ethos” mundial. A busca de uma maior quantidade de relações qualitativas é uma urgência para toda a vida do planeta.

João Paulo II, preocupado com o ser, com uma existência pautada na justiça, onde o ser humano necessita de bases familiares, culturais e educacionais conclama:

Se em nome do futuro da cultura, é preciso proclamar que o homem tem direito de ‘ser’ mais, e se pela mesma razão é preciso exigir um sã primado da família no conjunto da obra da educação do homem para uma verdadeira humanidade, é preciso também situar na mesma linha o direito da nação; é preciso colocá-lo também na base da cultura e da educação. (JOÃO PAULO, PP II, 1982, p. 13-14)

É fundamental que todo avanço nas ciências deve ter posições críticas sobre sua aplicabilidade ou não; numa atitude reflexiva se vai realmente atingir uma demanda social considerável e se esta aplicabilidade é segura e eficiente no combate às doenças, não causando malefícios aos usuários dos serviços médicos.

Tecer críticas, detectar desafios e dificuldades não é tão difícil, pois cada um sabe onde lhe aperta o sapato. Mas sonhar, olhar para a frente e soltar a imaginação como poeta-tecelão e tecer o ‘tapete que a esperança tece com palavras’, é uma tarefa bem mais complexa... Temos uma grande dificuldade em teologizar com nossa própria cabeça, coração e corpo de mulher, leigo e indígena. Dificuldade de dizer com nossa palavra e a partir do lugar a que fomos relegados; dificuldade de recuperar nossos sonhos roubados. (CAIXETA; GUTIÉRREZ; FERNANDES, 1994, p. 191)

3. APORTE DA REFLEXÃO ÉTICO-TEOLÓGICA DO VALOR DA VIDA: LUZES E SOMBRAS.

O valor da vida é uma preocupação constante na reflexão ético-teológica. A vida vem como mensagem primeira e é o fundamento do cristianismo. Já desde a criação, a boa notícia é a vida e a bíblia inicia o livro do Gênesis com a vida: “Quando Deus iniciou a criação do céu e da terra, a terra era deserta e vazia, e havia treva na superfície do abismo; o sopro de Deus pairava na superfície das águas, e Deus disse: ‘Que a luz seja!’ E a luz veio a ser” (Gn 1, 1-3). A vida é luz, é água, é céu, é terra, são os vegetais, os animais, toda a criação, principalmente o homem e a mulher.

Com isso, o desejo pela vida e pelas mudanças que levem a mais vida, se torna também um compromisso da Igreja e da própria ética-teológica, em criar laços de solidariedade com a prática de uma realidade vigorada e esperançosa pela vontade de viver.

3.1. O VALOR DA VIDA

O anúncio da reflexão ético-teológica passa pelo valor da vida, pela alegria de viver. É a boa notícia para os que esperam vida, a boa nova da vida. O prólogo do Evangelho de São João anuncia Jesus como vida: “No início era o Verbo, e o Verbo estava voltado para Deus e o Verbo era Deus (...). Nele estava a vida, e a vida era luz dos homens, e a luz brilha nas trevas e as trevas não a compreenderam” (Jo 1, 1.4.5).

Assim, criar espaços e desenvolver momentos de vida é gerar nos seres uma continuidade no anúncio da boa nova, tendo como meta o valor da vida tanto vivido e experimentado por Jesus em sua “vida-morte e ressurreição”.

È a fé em um Deus que sai de si mesmo e vem ao encontro da humanidade, numa ética do encontro, para a própria salvação dos povos, salvação de vidas. Em Jesus, temos Deus encarnado e atualizado na economia da salvação, no mais belo encontro do divino com a sua criação. As experiências de qualidade e do valor da vida para a fé cristã está no amor inseparável de Deus por tudo que criou, no amor à vida, na solidariedade e na vivência amorosa, como em Jesus se deu, extirpando as tendências excludentes que dizem não à vida.

3.2. VIDA E ESPERANÇA

Jesus busca uma nova maneira de mostrar possibilidades diferentes, na construção de uma sociedade que tenha uma maior quantidade de qualidade de vida digna.

Com isso, o anúncio de Jesus incita para a prática e a experiência do amor de Deus, tendo em vista o seu reino, que vai contra toda forma de exclusão, abandono e homicídios. É sentir que na mensagem evangélica existe salvação e luzes para todos.

A morte de Jesus adquire o caráter de mais vida diante dos contravalores do mundo, é o resultado de uma luta pela vida que há o encontro com a morte, pois sua morte foi de aceitação do sofrimento em meio a sua cruz de estar querendo a vida na alteridade.

A cruz, o sofrimento, considerados em si mesmos, não são salvadores. A paixão e a cruz de Jesus, separadas de sua vida e da sua ressurreição, não têm caráter salvador. A cruz de Jesus Cristo, na fé do novo testamento, tem sentido salvífico na medida em que resume, concentra, radicaliza, condensa o significado de uma vida, entregue ao Pai e ao serviço aos irmãos. É a qualidade de vida vivida por Jesus Cristo, incluindo sua morte e ressurreição, que é salvadora. (RUBIO, 1998, p. 35)

A vida-morte-ressurreição de Jesus abre a fé na esperança de lugares (topos) que existem e que se realizam como experiências do amor de Deus e ao próximo, pois a força da ressurreição transfigura a realidade humana e a torna capaz de vislumbrar o Reino de Deus. (BOFF, 1972, p. 149)

A fé em Jesus não pode ficar separada da ética cristã, visto que milhões de seres esperam por dias de luzes e de dignidade. Daí que a vivência cristã vai passar por comportamentos de fé e de discernimentos que vislumbrem a pessoa de Jesus, proporcionando uma valorização das “exigências inalienáveis da dignidade pessoal de cada homem” (BOFF, 1972, p. 142).

3.3. PAIXÃO PELA VIDA

Na reflexão ético-teológica cristã, as palavras de Jesus no Evangelho de Mateus, “Ide, pois; de todas as nações fazei discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28, 19), fazem eco ao envio à prática da boa notícia, no anúncio de um Deus apaixonado pela vida. Um Deus que age com amor e multiplica essa ação através dos discípulos.

Os discípulos de Jesus ressuscitado são enviados com a força do Espírito Santo, para uma mobilização de novidade e restauração do sentido da vida. Com isso, a missão dos seguidores de Jesus vai espalhar consolação e ânimo aos que precisam de coragem para viver. (MOLTMANN, 2002, p. 27)

A comunhão e a participação devolvem luzes aos que estão nas sombras da morte, resgatam o serviço da caridade, dinamizando e acompanhando seres que estão menosprezados e largados à própria sorte. Desejar e mobilizar-se em função dos doentes, idosos, menores abandonados, pobres, miseráveis, famintos, é levar o *Evangelho da vida*, é

apaixonar-se pela causa de Jesus, é se deixar guiar pelo Espírito Santo, é obedecer ao amor do Pai.

O Espírito Santo impulsiona e espera que cada ser desenvolva suas capacidades de indignação frente às mortes, e acabe por romper os laços do “cinismo da destruição de tudo o que vive, no mundo humano e natural de hoje” para que os povos saiam da “crescente indiferença de seus corações”. (MOLTMANN, 2002, p.91)

CONCLUSÃO

A Bioética é uma ciência nova que ainda está em gestação e seu próprio nome *bio* e *ética* gera ambigüidades conflituosas que oscilam entre o biológico e o ético, entre o “dever” e a “finalidade”, entre a qualidade técnica-científica e a mística do sagrado.

Van Rensselaer Potter (EUA) já vislumbrava a opção por uma interdisciplinaridade, na qual o diálogo com outras ciências e com outros povos teria uma função que abrangeria o maior número de pessoas imbuídas de uma consciência bioética que discutissem assuntos pertinentes à vida e à morte. Daí, a importância da formação de comissões e comitês de bioética.

Logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o *Código de Nuremberg* (1947) e a *Declaração Universal dos Direitos Humanos* (1948) reiniciam um período em que as práticas desumanas e indignas sobre as vidas devem ser combatidas e procuram impor proteção a todo ser, sem excluir nenhuma cultura ou povo. Com isto, os direitos e deveres se tornam universais e obrigatórios em cada país, mesmo que a prática demonstre o contrário.

O conceito de vulnerabilidade vem dar um destaque e chamar atenção para as relações desiguais, que geram feridas muitas vezes incuráveis na vida de muitos seres. A vulnerabilidade sentida e presente na própria palavra (“ferir, golpear, ofender, magoar”), ocasiona uma ligação com outros conceitos como diferença, exclusão, desigualdade.

A reflexão ético-teológica, tendo suas novas perspectivas revigoradas com o Concílio Vaticano II (1962-1965), quer também responder aos novos anseios e avanços do mundo moderno.

Esta reflexão tem uma base na prática de Jesus, onde seu olhar e sua vida vêm se solidarizar com os mais sofridos da sociedade. A presença de Jesus no meio dos doentes é um sinal visível do Reino de Deus que rompe barreiras e exclusões e devolve a dignidade à humanidade como “imagem e semelhança de Deus”.

A qualidade de vida se preocupa com a sustentabilidade do Planeta, onde “o crescimento tem limites que, sendo ultrapassados, coloca em grave perigo o futuro da vida sobre a face da terra” (GRACIA, 1999, p. 386).

O desejo pela vida, pela vontade de lutar, faz renascer luzes das sombras, salvando vidas que estavam em realidades de morte. É uma espiritualidade que une oração e prática numa força “curativa da fé” (VIDAL, 1999, p. 17), força curativa esta que encontra no Espírito o seu curador.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINI, N. **Ética cristã e desafios atuais**. Petrópolis: Vozes, 2002, 261 p.
- ANJOS, M.F. (Org.). **Teologia e novos paradigmas**. São Paulo: Loyola, 1996, 192 p.
- _____, Bioética nas desigualdades sociais. In: GARRAFA, V; COSTA, S.I.F. **A bioética no século XXI**. Brasília: UNB, 2000, p. 49-65.
- _____, Bioética e teologia: janelas e interpelações. **Perspectiva Teológica**, v.XXXIII, n. 89, p.13-31, Jan./Abr. 2001.
- ASSOCIAÇÃO MÉDICA MUNDIAL. **Declaração de Helsinki I**. Helsinki: 1964.
Disponível em <<http://www.ufrgs.br/HCPA/gppg/helsin1.htm>> Acesso em 05 jun. 2002, 3 p.
- AURÉLIO, B.H.F. **Dicionário Prático da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, 472 p.
- BEAUCHAMP, T.L.; CHILDRESS, J.F. **Principles of Biomedical Ethics**. New York: Oxford University Press, 1994.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Tradução Ecumênica**. São Paulo: Loyola, 1996, 1568p.
- BOFF, L. **Jesus Cristo Libertador**. Ensaio de Cristologia Crítica para o nosso Tempo. Petrópolis: Vozes, 1972, 285 p.
- CAIXETA, L. M.; GUTIÉRREZ, J.C.; FERNANDEZ, P.L. Ousando sonhar. In: ANJOS, M.F. **Ética na relação entre Igreja e Sociedade**. Col. Teo. Moral na América Latina nº 10. Aparecida-SP: Santuário, 1994, p. 191.
- COHEN, C., A confidencialidade: questões éticas relativas ao segredo profissional. In: SEGRE, M; COHEN, C. **Bioética**. São Paulo: EDUSP, 1999, p. 181-188.
- GARRAFA, V.; DINIZ, D.; GUILHEM, D. **Imperialismo ético e o conceito de diferença**. Brasília: UNB. Apostila dada nas aulas de V.Garrafa, por ocasião do curso de Especialização em Bioética (USP-UNIMONTES), 1999.
- GARRAFA, V.; DINIZ, D.; MATOS, D. **Idioma Bioético, seus dialetos e idioletos**. Brasília: UNB, 1998. Apostila dada nas aulas de V.Garrafa, por ocasião do curso de Especialização em Bioética (USP-UNIMONTES), 1999.
- GRACIA, D. **Fundamentos da Bioética**. Madrid: Eudema, 1989.
- _____, Enfoque Geral da Bioética. In: VIDAL, M. **Ética Teológica**. Conceitos Fundamentais. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 385-400.
- GUIMARÃES, M.C.S.; NOVAES, S.C. **Vulneráveis**. Disponível em <<http://www.Ufrgs.br/gppg/vulnera.htm>> Acesso em 03 jun. 2002.
- HÄERING, B., A teologia moral após o Vaticano II e a contribuição da América Latina. In: ANJOS, M.F. **Temas Latino-americanos de ética**. Aparecida-SP: Santuário, 1988.

- JOÃO PAULO PP II. **Cultura e Dimensão Humana**. Col. Doc. Pontifícios nº 198. Petrópolis: Vozes, 1982, 51 p.
- _____. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal Ecclesia in África**. Doc. Pontifícios nº 267. Petrópolis: Vozes, 1995, 151 p.
- _____. **Paz: preocupação primordial**. Col. Doc. Pontifícios nº 216. Petrópolis: Vozes, 1987, 150 p.
- KOWALSKI, E. Quale uomo e quale ética per la bioetica ? Una proposta di umanizzazione della riflessione bioetica. **Studia Moralia**, v. XXXIX, n. 1, p. 175-195, ju. 2001.
- LOLAS, F. **Bioética**. O que é ? Como se faz ? São Paulo: Loyola, 2001, 102 p.
- MOLTMANN, J. **A fonte da vida**. O Espírito Santo e a Teologia da Vida. São Paulo: Loyola, 2002, 149 p.
- ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris: 1948. Disponível em <<http://www.sinpro-rs.org.br/extra/de98/movim3.htm>> Acesso em 05 jun. 2002, 3 p.
- PAGOLA, J. A. Jesus e os enfermos mais carentes. In: PESSINI, L. **Bioética e Pastoral da saúde**. Aparecida-SP: Santuário, 1989, p. 31-45.
- POTTER, V.R. Os três estágios da Bioética In: GOLDIM, J. R. **Definição de Bioética**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/UCPA/gppg/bioet70-88-90.htm>> Acesso em: 10 jun 2002.
- RUBIO, A.G., O cristianismo: uma religião de sofrimento e morte ? **Atualidade Teológica**, v. 1, n. 2, p. 19-52, jan./jun. 1998.
- SCHRAM, F.R. **A questão dos fundamentos e métodos da bioética**. Disponível em <<http://www.sbbioetica.org.br/bol4/Quest%20dos%20fundamentos%20e%20metodos.htm>> Acesso em 05 jun. 2002.
- SGRECCIA, E. **Manual de Bioética**. Vol. 1: Fundamentos e ética biomédica. Vol.2: Aspectos médico-sociais. São Paulo: Loyola, 1996 e 1997, 686 p. e 455 p.
- SIQUEIRA, J.E. **Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio da responsabilidade de Hans Jonas**. Londrina: UEL, 1998, 120 p.
- _____. O princípio da Justiça. In: CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA, **Iniciação à bioética**. Brasília: CFM, 1998, p. 71-80.
- TRIBUNAL INTERNACIONAL DE NUREMBERG. **Código de Nuremberg**. Nuremberg: 1947. Disponível em <<http://www.ufrgs.br/UCPA/gppg/nuremcod.htm>> Acesso em 05 jun. 2002, 2 p.
- VIDAL, M. **Bernhard Häring**. Um renovador da moral católica. Aparecida-SP: Santuário, 1999, 150 p.